

EVANGÉLICOS E GOVERNO BOLSONARO: ALIANÇA NOS TEMPOS DE COVID-19

Fábio Py

Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Ricardo Shiota

Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Michelli Possmozer

Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

RESUMO

O artigo tem como objetivo interpretar a articulação entre religião e política como política pública de saúde no combate ao Covid-19, no começo da pandemia no país, nos meses de março e abril. O levantamento das informações analisadas ocorreu em sites de notícias e redes sociais de lideranças religiosas ligadas ao atual governo e da página oficial do Facebook da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) do Congresso Nacional, atentando para as interações do público. Partimos da hipótese de que a intenção do presidente Jair Bolsonaro parece ser a de legitimar, com vestimenta bíblica, uma tentativa de relativizar a quarentena, trazendo riscos de falência ao sistema de saúde público e de morte à população brasileira. Os resultados demonstram a eficácia do discurso religioso junto à população e a existência de uma guerra religiosa operacionalizada no governo bolsonarista.

Palavras-chave: Coronavírus. Evangélicos. Política de Saúde.

EVANGELICALS AND BOLSONARO GOVERNMENT: ALLIANCE IN THE TIME OF COVID-19

ABSTRACT

The article aims to interpret the articulation between religion and politics as a public health policy in the fighting against Covid-19, at the beginning of the pandemic in the country, in March and April. The survey of the analyzed information took place on websites of news and social networks of religious leaders linked to the current government and on the official Facebook page of the Evangelical Parliamentary Front of the National Congress, paying attention to the interactions of the public. We come from the hypothesis that the intention of President Jair Bolsonaro seems to be to legitimize, with biblical clothing, an attempt to relativize the quarantine, bringing risks of bankruptcy to the public health system and death to the Brazilian population. The results demonstrate the effectiveness of religious discourse with the population and the existence of a religious war operationalized by the Bolsonaro government.

Keywords: Coronavirus. Evangelicals. Health Policy.

Recebido em: 03/06/2020

Aceito em: 26/06/2020

1 INTRODUÇÃO

A contrariedade de grupos religiosos ao isolamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em decorrência da pandemia do Coronavírus tem sido um fato corriqueiro em países da América Latina, incluindo o Brasil (LISSARDY, 2020). Observamos que, apesar das milhares de mortes causadas pelo SARS-CoV-2 - o vírus gerador da doença Covid-19 - das comprovações científicas e das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que o isolamento social é medida mais eficaz e necessária no combate à pandemia, o governo do presidente Jair Bolsonaro, com apoio das lideranças religiosas e de sua base parlamentar, tem se amparado no discurso religioso para promover a política pública de combate ao Covid-19. Com efeito, trata-se de uma orientação que, em defesa do retorno imediato das atividades econômicas, aliando-se a setores religiosos, vem contrariando as iniciativas de governadores e prefeitos em prol do isolamento social horizontal com o fechamento das atividades não essenciais. Em menos de um mês, em plena crise sanitária, dois ministros da saúde¹⁰⁸ que defendiam o isolamento social horizontal deixaram o cargo.

Diante deste cenário de desencontro das políticas públicas municipais, estaduais e federais de combate ao Covid-19, o Brasil tornou-se o epicentro mundial da pandemia devido ao alto índice de subnotificação, que pode ser onze vezes a mais do que as estatísticas oficiais divulgam (ALVES *et al*, 2020). Realizamos os seguintes questionamentos: quais lideranças religiosas endossam as solicitações do presidente da República? Por que a aliança com os discursos fundamentalistas do evangelicalismo neste momento de grave risco à saúde pública? Como compreender a adesão das bases religiosas à certas lideranças, contra os preceitos científicos defendidos por cientistas e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), diante da pandemia do Coronavírus? Por que, a despeito dos alertas da comunidade científica, as crenças religiosas, que interpretam à luz das escrituras sagradas a pandemia, muitas vezes, de modo a minimizar a gravidade do problema, têm recebido ou não a adesão de milhões de fiéis no Brasil?

Sem a pretensão de dar uma resposta definitiva a essas questões, o objetivo deste artigo consiste em interpretar a articulação entre religião e política como política pública de saúde no combate ao Covid-19, no começo da pandemia no país, nos meses de março e abril. O levantamento das informações a serem analisadas ocorreu em sites de notícias, nas redes sociais de lideranças religiosas e na página oficial do Facebook da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) do Congresso Nacional, atentando para as interações do público.

¹⁰⁸ Luiz Henrique Mandetta foi demitido no dia 16 de abril de 2020, Nelson Teich renunciou no dia 15 de maio de 2020, sendo substituído interinamente pelo general Eduardo Pazuello.

No seu livro “A Guerra dos Deuses: Religião e política na América Latina”, Michael Lowy, indica que o termo *Kamp der Gotter* foi utilizado primeiro por Max Weber, no seu clássico “A ciência como vocação” (1989) quando destaca os conflitos sobre “o politeísmo de valores e o conflito insolúvel das crenças básicas “deuses” na sociedade moderna” (Weber, 1998). Michael Lowy ressignifica o termo analisando “primeiro *ad intra*, ele se aplica ao conflito no campo religioso entre concepções de Deus radicalmente opostas: a dos cristãos progressistas e a dos cristãos conservadores (tanto católicos como protestantes) - uma “coalizão de valores” (*Werkollission* - outro termo weberiano) que, em situações extremas tais como a da América Latina na década de 80, pode até se transfigurar em uma guerra civil (LOWY, 2000, p.13).

Nesse sentido, o autor entende que ocorre nas sociedades latino-americanas “uma verdadeira guerra de deuses” (LOWY, 2000, p.14), isto é, existem várias concepções de deuses como sintoma das lutas sociais tidas entre as sociedades civis e os estados. Utilizamos o conceito de Lowy (2000) quando percebemos que o bolsonarismo (ALMEIDA, 2019) opera uma “guerra dos deuses” ora ajudando a estruturar sua base política (junto aos parlamentares e partidos políticos) e ora dialogando com sua base social religiosa. Com essa operação de guerra religiosa, amplifica as guerras culturais travada no interior da sociedade civil, entre os movimentos sociais e os aparelhos privados. Tal operação é uma artimanha muito bem construída pelo “corpo de intelectuais” (GRAMSCI, 1982) que circundam o presidente e que desenham campanhas de oração, jejuns e celebrações religiosos de apoio ao governo.

Partimos do pressuposto de que a religião tanto pode ser um instrumento de dominação - “a mais grandiosa tentativa de conciliar em forma mitológica as contradições reais da vida histórica” (GRAMSCI, 1999, p. 205) - como também de transformar as relações estabelecidas, conforme cada situação histórica concreta (GRAMSCI, 1999, p.241). Demonstramos a eficácia do discurso religioso junto à população e, sem desqualificá-lo, associamos as crenças ao saber em geral, uma cognição cujas informações contribuem para a formação de ideias e ações (KUHN, 1997; BEVIR, 2008; JOHNSON, 1997; BARRETT, LANMAN, 2008). Nesse sentido, as crenças religiosas que atuam poderosamente são a “filosofia da massa” (GRAMSCI, 1999, p. 207); em razão desse alcance, as crenças religiosas possuem “a mesma energia de uma força material” (GRAMSCI, 1999, p. 238). Dada a importância da religião para a manutenção da ordem social estabelecida no Brasil contemporâneo, Jair Bolsonaro, ao se aliar aos pastores em defesa de sua política pública de saúde de combate ao Covid-19, adota uma tática poderosa e muito eficaz para os seus fins.

Consideramos, ao mesmo tempo, as relações estabelecidas entre a política pública de saúde de combate ao Covid-19 de Jair Bolsonaro e o discurso de determinadas lideranças religiosas, e a

adesão ou não de parcela significativa da população à força que possuem as crenças religiosas. O material empírico selecionado, diz respeito ao início da pandemia no Brasil, nos meses de março e abril. Partimos da hipótese de que a intenção de Bolsonaro parece ser a de justificar, com vestimenta bíblica, uma tentativa de relativizar a quarentena, o isolamento social horizontal recomendado pela OMS, em prol do isolamento vertical - que atinge apenas as pessoas com comorbidades ou que fazem parte do grupo de risco -, colocando em perigo o sistema de saúde e a vida de setores expressivos da população brasileira.

No primeiro tópico, discutimos a atuação da FPE, destacando a ação da Frente em prol de dois instrumentos jurídicos: o Projeto de Lei (PL) nº 1.179/2020, que, entre outras medidas, impediria a abertura dos templos religiosos até a data de 30 de outubro de 2020; e o Decreto nº 10.282/2020, que em linhas gerais, permitiu a classificação das atividades religiosas como essenciais no período da pandemia. No segundo tópico enfocamos a estratégia do governo Bolsonaro de associação ao cristianismo, o que evoca, em nosso entendimento, uma espécie de “guerra dos deuses”, conforme o conceito discutido em Michael Lowy (2000). Entendemos que Jair Bolsonaro se utiliza da importância da religião para a manutenção da ordem social estabelecida no Brasil contemporâneo ao se aliar aos pastores em defesa de sua política pública de saúde de combate ao Covid-19, adotando, portanto, uma tática poderosa e muito eficaz para os seus fins. No terceiro tópico, partimos de dois fatos ocorridos durante a pandemia, evangélicos de joelhos rezando por Bolsonaro e pelo Brasil contra a pandemia nas ruas de Abreu e Lima (PE) no dia 31/03/2020, e em São Paulo no dia 05/04/2020 para indagar os motivos pelos quais em momento tão grave a população adere às crenças religiosas em detrimento das crenças científicas. Por fim, tecemos as considerações finais.

2 ATUAÇÃO DA FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA NO PERÍODO DA PANDEMIA

Observa-se que a Frente Parlamentar Evangélica realiza um movimento no sentido de se mostrar favorável ao discurso da ciência e ao mesmo tempo de pedir à comunidade evangélica que jejue e ore (PY & REIS, 2015) porque a guerra contra o Coronavírus é uma batalha espiritual, trata-se de uma seta maligna para abater o povo de Deus. É uma atuação que não nega o científico, mas reforça o discurso religioso, que se sobrepõe ao que está posto pela ciência.

No dia 12 de março, a Frente Parlamentar Evangélica começa a se posicionar diante da pandemia ao publicar, em sua página no Facebook, o trecho bíblico de 2 Crônicas 20:9: “Se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste ou fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante

de ti, pois teu nome está nesta casa, e clamaremos a ti em nossa aflição, e tu nos ouvirás e livrarás”. Ao utilizar tal versículo, a FPE associa a pandemia do Coronavírus a um mal que pode ser livrado por meio de um clamor a Deus. A Frente, portanto, não subestima a gravidade da pandemia, muito pelo contrário. Reforça que o Covid-19 é um vírus perigoso e letal e que ameaça igrejas em todo o mundo, que estão arriscadas a terem que paralisar as suas atividades.

Contudo, determina que a solução para a pandemia está, predominantemente, nas mãos de Deus, como o único que pode livrar a humanidade deste mal. E isso só será feito se as igrejas se unirem em clamor, por meio de muito jejum e oração. A preocupação notória era que esse fenômeno ameaçava o funcionamento dos templos. “Também apelamos a cada Cristão que mantenha seu compromisso de permanecer firme na obra, sem deixar que esse mal se transforme em uma artimanha do diabo para deter a Igreja”, consta na publicação pública da página da Frente no Facebook.

No dia 18 de março, a FPE divulga uma nota em sua página no Facebook (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020a) em apoio à decretação de calamidade pública, realizada no âmbito do governo federal. Na nota, a FPE se refere à pandemia como "pandemia maligna". Ainda na nota pública (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020a), consta que a Frente não minimiza a gravidade da pandemia, tanto que apoia a situação de calamidade pública decretada pelo governo federal e diz que estará à disposição para apoiar as medidas necessárias para reduzir a gravidade desta crise na saúde pública. No entanto, a Frente se posiciona em favor de manter os templos abertos: “[...] neste momento de tanta aflição, é fundamental que os templos, guardadas as devidas medidas de prevenção, estejam de portas abertas para receber os abatidos e acolher os desesperados” (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020a).

Nesse sentido, o discurso da FPE não se contrapõe direta e abertamente ao discurso científico que prega o isolamento social. Mas quando esse isolamento coloca em cheque a abertura dos templos religiosos, a FPE se posiciona de modo contraditório, defendendo que as pessoas devem ficar casa, mas que as igrejas precisam se manter abertas para dar consolo àqueles que necessitem de apoio espiritual (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020a). E a FPE condiciona essa abertura ao respeito às medidas preventivas, como o uso de máscaras e álcool em gel.

No dia 22 de março, dois dias após o presidente Jair Messias Bolsonaro ter comparado, publicamente, a doença decorrente do Covid-19 a uma “gripezinha” (CAMAROTTI, 2020), o presidente da FPE, pastor Silas Câmara, gravou um vídeo publicado na página do Facebook da Frente (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020b). No audiovisual, fica evidente que Silas Câmara agiu politicamente após receber uma ligação do ministro Dias Toffoli e do presidente

da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, possivelmente preocupados com a repercussão que a fala de Bolsonaro poderia ter no meio evangélico. Silas Câmara afirma no vídeo que o Coronavírus não é uma “gripezinha” e faz um apelo aos demais pastores do Brasil que conscientizem os membros de suas igrejas. Entretanto, não há um posicionamento explícito de contrariedade ao presidente Bolsonaro. Há uma tentativa de alertar os evangélicos para uma grave crise na saúde pública, mas a causa dessa crise é um “mal terrível”, que advém da esfera do espiritual, do maligno, e, novamente, deve ser combatido com orações (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020b).

No dia 26 de março, a FPE publicou em sua página oficial no Facebook uma peça publicitária (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020c) comemorando a criação do decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamenta a lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e atividades essenciais. O decreto presidencial (BRASIL, 2020) incluiu no artigo 3º as atividades religiosas de qualquer natureza, desde que obedecidas às determinações do Ministério da Saúde, aprofundando “uma guerra de posições, religiosas, culturais, que se relaciona à interpretação dos deuses” (LOWY, 2000, p.19). Conforme consta na arte gráfica (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020c) – cuja foto de fundo é do presidente Jair Bolsonaro em um momento de oração, ao lado do presidente da FPE, Silas Câmara, durante a realização de uma Santa Ceia em um culto da Frente na Câmara dos Deputados – “após ação da FPE solicitando alteração no decreto qualquer pessoa pode buscar essas instituições de aconselhamento e conforto espiritual”, conforme diz o texto da publicação no Facebook (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020c).

Essa postagem (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020c) obteve 80 curtidas, 23 comentários e 32 compartilhamentos. A maior parte dos comentários defende o apoio à medida, no entendimento de que os templos devem ser mantidos abertos, tal como indício de uma “guerra cultural” (LOWY, 2000). Mesmo que a FPE tenha dito que a medida está restrita a reuniões sem aglomerações de pessoas e que os atendimentos aos fiéis devem ser feitos respeitando as medidas de prevenção determinadas pelo Ministério da Saúde, havia internautas questionando se o decreto permitia o retorno dos cultos e palavras de apoio, como “parabéns à [sic] Frente Parlamentar Evangélica nesse momento em que muitos estão desesperados diante da situação vejo as Igrejas como peça-chave [sic] para receber os desesperados” (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020c). Houve também poucos comentários contrários ao decreto, no entendimento de que mesmo sem a realização dos cultos, qualquer atendimento a fiéis poderia trazer o risco de contaminação. Em um deles, um internauta escreveu:

[...] irmãos, imagine se uma pessoa com a COVID-19, forma assintomática, ir até a Igreja ter uma reunião no gabinete do pastor, e esta dita cuja [sic] espirra dentro do local citado, e

logo após, entrar outra pessoa, como é que vírus não vai se alastrar, me responde!? Nesse caso, tanto o sacerdote vai contrair [sic] a doença, quanto o irmão que entrar em seguida na sala. Pensem bem! Vcs estarão colocando os crentes em perigo! (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020c)

O decreto presidencial, símbolo da luta social, causou diferentes posicionamentos em estados e municípios, os quais possuem autonomia para legislar sobre medidas de enfrentamento ao Coronavírus, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no mês de abril (STF, 2020). No Rio de Janeiro, por exemplo, o Prefeito Marcelo Crivella anunciou que os templos religiosos poderiam seguir abertos no município com o uso obrigatório de máscaras e desde que fosse mantida a distância mínima de 2 metros entre os fiéis, além de outras medidas recomendadas pelo Ministério da Saúde (COELHO, 2020). Já o governo do Estado do Piauí, três dias após publicação do decreto presidencial, expediu o Decreto nº 18.902, de 23 de março de 2020, que determinou a suspensão de diversas atividades, entre elas, as religiosas (GOVERNO DO ESTADO, 2020).

Diante do risco de fechar os templos e suspender as atividades presenciais até o dia 30 de outubro de 2020, a Frente Parlamentar Evangélica se mobilizou para intervir no Projeto de Lei (PL) nº 1.179/2020 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020), que dispõe sobre o regime jurídico emergencial e transitório das Relações Jurídicas de Direito Privado (RJED) no período de pandemia do Coronavírus. Essa proposição previa, em sua redação inicial, que as pessoas jurídicas de direito privado, constantes no Artigo 44 do Código Civil (BRASIL, 2002), nos incisos de I a IV, teriam que respeitar restrições na realização de reuniões e assembleias até o dia 30 de outubro do corrente ano. As organizações religiosas estão demarcadas no inciso IV, o qual foi excluído do PL após a articulação do senador Carlos Viana – membro da FPE – junto à relatoria desse projeto. O próprio parlamentar esclareceu em vídeo: “conversamos com o autor e também com a relatora Simone Tebet, eles entenderam o nosso posicionamento sobre a liberdade religiosa, a nossa preocupação, e também sobre a laicidade do Estado, que não pode interferir nas decisões internas das convenções religiosas” (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020e).

Tal proposta impactaria diretamente as igrejas brasileiras, tendo em vista que as organizações religiosas eram consideradas pessoas jurídicas de direito privado (BRASIL, 2002). Diante disso, parlamentares da FPE se mobilizaram na exclusão das igrejas e associações religiosas do PL 1.179 para que possam manter as portas abertas durante o período da pandemia. A justificativa dos senadores e deputados federais é que tal proposição impediria a realização de cultos até a data prevista, ação que seria contrária à liberdade religiosa no país.

No dia 2 de abril, é realizada uma postagem na página do Facebook com a foto de um documento em papel timbrado de que a restrição dos cultos até 30 de outubro foi derrubada após articulação da Frente (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020d). No texto da imagem, a

FPE comemora a alteração na legislação, mas reforça a necessidade de que os pastores devem seguir as determinações do Ministério da Saúde, as quais não são especificadas (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020d). Fica subentendida a mensagem de que há permissão para que os templos sigam abertos, realizando suas atividades de atendimento à população, mas que não realizem cultos com aglomerações de pessoas em função do risco de contaminação.

No dia 3 de abril, é publicado um vídeo (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020e) feito pelo senador Carlos Viana, de Minas Gerais, informando sobre a articulação junto aos relatores do PL 1.179 a fim de suprimir o trecho que fazia menção às atividades religiosas. De acordo com o senador, a justificativa se deu em favor da liberdade religiosa e do caráter laico do Estado de não interferir nas convenções determinadas pelas igrejas (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020e).

No dia 8 de abril, é publicado na página do Facebook um print do decreto presidencial, o decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020. Nos comentários, a FPE interage com os internautas, que questionam se o decreto presidencial tem mais validade do que os decretos municipais e estaduais. A maioria dos comentários é de apoio ao decreto presidencial: "É isso aí meu senador Deus, vai nos dar a vitória" e "Boa noite agora nós precisamos [sic] pedir para os irmãos pressionarem [sic] os deputados federais dos estados de vocês [sic] para não [sic] mexerem neste artigo que já foi trocado porque vai entrar [sic] em votação na câmara [sic] de deputados". Uma boa parte desses comentários (FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA, 2020f) era sobre onde conseguir o decreto e se o mesmo estaria sobreposto à determinação dos governadores, que estabeleceram que os templos permaneceriam fechados durante a pandemia.

Apenas um comentário de uma internauta questionou: "Uma dúvida? Se as pessoas pegarem A doença Covid-19 durante as aglomerações dos nossos cultos, a igreja ou o Senado [sic] será responsável pelos mortos?". Em resposta, outra internauta escreveu: "só não ir aos cultos quem não quer correr os riscos.". A FPE, que costuma responder grande parte dos comentários, não se manifestou nessa pergunta.

Consideramos que a Frente Parlamentar Evangélica atua estrategicamente no período da pandemia como aliada da política de saúde do governo Bolsonaro (PY, 2020). Embora a FPE não se coloque afirmativamente contra o isolamento social, o seu movimento é para que os templos sigam abertos, apesar dos riscos de contaminação já apresentados nos estudos científicos. Aqui problematizamos, ainda, que a atuação da Frente pode estar motivada pela queda na arrecadação de dízimos e ofertas no decorrer desse período, conforme afirmou o pesquisador Joanildo Burity em entrevista à Agência Pública (DIP *et al*, 2020).

3 EVANGÉLICOS E COVID-19: APOIO À AGENDA DE BOLSONARO DAS GRANDES CORPORAÇÕES CRISTÃS

Além das articulações da FPE, indicadas acima com a chegada da pandemia no Brasil, próximo ao período da Páscoa, foi construído um vídeo, de pouco mais de quatro minutos no YouTube da Igreja Batista Getsêmani (GETSÊMANI, 2020) com o título “Clamor e jejum pelo Brasil - 05 de abril - convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro” para convocar a população para o #JejumPeloBrasil, marcado para 05 de abril de 2020. O vídeo (GETSÊMANI, 2020) demonstra uma linha de lideranças do setor evangélico que apoia o apelo econômico no discurso de Bolsonaro para a quarentena vertical diante da pandemia (PY, 2020a). Por serem contra uma utilização ampla da quarentena horizontal, de isolamento social de todas as camadas sociais, sendo tão dissonante em relação ao indicado pela OMS, as lideranças evangélicas entraram na disputa sociorreligiosa (LOWY, 2000), quando construíram um vídeo de apoio a convocatória de Bolsonaro colocando domingo dia 05 de abril como “Dia do Jejum” (GETSÊMANI, 2020). Inicia com o fragmento de 2 Crônicas 20, 3 que diz: “Jeosafá decidiu consultar o Senhor e proclamou um jejum em todo Reino de Judá” (GETSÊMANI, 2020).

Após o fragmento, Bolsonaro afirma “muito obrigado a todos vocês, e aqueles que têm fé e acreditam, domingo é o dia de jejum” (GETSÊMANI, 2020). Discursa sem muito traquejo no apontamento bíblico teológico, e na sequência aparecem mais textos bíblicos, e enfim, o apelo das lideranças evangélicas tais como: R. R Soares, André Valadão, Rene Toledo, Silas Câmara, Abner Ferreira, Juanribe Palharine, Abe Huber, Mário de Oliveira, Jorge Linhares, José Wellington Junior, Marcos Feliciano, Rene Terra Nova, Edir Macedo, Roberto Lucena, Samuel Ferreira, Robson Rodovalho, Valdomiro Santiago, Hernandes Dias Lopes, Luiz Hermínio, Santanna, Roberto Brasileiro, Elezete Rodrigues, Márcio Valadão, Guilherme Batista, Valdomiro Ferreira, Humberto Vieira, André Fernandes, Estevão Hernandez, Silas Malafaia e Samuel Câmara (GETSÊMANI, 2020). No término do vídeo (GETSEMANI, 2020) cita outro fragmento bíblico (2 Crônicas 7:14), como se fosse uma resposta ao apelo dos líderes religiosos: “E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra” (GETSÊMANI, 2020).

Nesta produção ligada ao bolsonarismo (ALMEIDA, 2019), isto é, atravessando a política pela via do cristianismo fundamentalista acostumada às lutas religiosas (PY, 2020a), busca-se sinalizar aos cristãos que, no Domingo de Ramos, eles deveriam fazer o Dia do Jejum, literalmente “para que Deus livrasse o Brasil da praga do Covid-19” (GETSÊMANI, 2020). Mesmo assim, levanta-se uma tradição católica de se guardar o domingo antes da Páscoa, o chamado Domingo de

Ramos, como dia separado para as preces religiosas. É importante destacar que esse setor plural dentro do evangelicalismo brasileiro das diferentes grandes estruturas religiosas apoia amplamente o apelo da quarentena vertical tão insistida pelo presidente (GETSÊMANI, 2020), logo, contra o discurso científico da comunidade acadêmica. Na sequência do vídeo (GETSÊMANI, 2020) as lideranças evangélicas acima indicadas fazem apelo de apoio religioso ao jejum pedido por Bolsonaro. Em uma das falas, o Valdomiro Santiago chega a afirmar que o presidente seria “o ungido para liderar a nação” (GETSÊMANI, 2020) nesta época.

Valdomiro Santiago sintetiza o dia do Jejum da seguinte forma “orando pela nação, orando pelo povo, orando pelo senhor presidente, para que Deus lhe sustente, lhe abençoe nas suas ações e escolhas olhando para toda nação” (GETSÊMANI, 2020). Santiago, na sua parte (GETSÊMANI, 2020), aproxima-se do que Bolsonaro afirma como “governo para toda nação e não só para uns, tenho de olhar o todo” (PY, 2020a) por isso sua insistência em reabrir o comércio e as atividades em geral. Agora, o bispo Macedo, quase no fim do vídeo, afirma: “depois que passar isso aí, vai chegar um tempo de prosperidade para o Brasil que nunca houve, e que todas as previsões catastróficas estão aniquiladas no nome de Jesus” (GETSÊMANI, 2020). O vídeo convoca, em nome de Bolsonaro, os cristãos a jejuarem pelo Brasil, para que a doença do Covid-19 não atinja a nação de forma catastrófica. O mesmo possui frases de apoio dos líderes evangélicos das grandes estruturas religiosas (GETSÊMANI, 2020), corroboram o dia e legitimam o presidente nas suas ações e discursos como líder político ou, na linguagem evangélica, como “rei/ungido para levar a nação” (GETSÊMANI, 2020).

Pode-se observar, ainda, o apoio dessas lideranças às falas de Bolsonaro diante da pandemia do Coronavírus. Entre essas lideranças, uma das figuras mais carismáticas que tem apelo fundamental no apoio ao presidente é, sem dúvida, o pastor Silas Malafaia. Ao mencioná-lo, é relevante evocar sua proximidade com o presidente, quando Bolsonaro já frequentou sua igreja com a esposa Michelle, e também, celebrou seu casamento, em 2013 (PY, 2020b). Malafaia foi um dos primeiros a visitar Bolsonaro no hospital quando o presidente sofreu a facada no período eleitoral; depois, recebeu-o para “orar” diante da vitória eleitoral na igreja (PY, 2020b). E, agora, com a chegada da pandemia no Brasil, Malafaia aumentou o tom dos vídeos de apoio ao presidente, deflagrando ainda mais o caos (LOWY, 2000) com discurso cristão diante das restrições de circulação e das mortes causadas pelo Covid-19.

Contar com o apoio de Malafaia é de grande importância ao projeto político de Bolsonaro (PY, 2020b). O sacerdote há tempos é uma figura chave da arena religiosa brasileira, produzindo o programa Vitória em Cristo há quase 35 anos no ar, transmitido em vários canais de TV, entre os quais, Band, RedeTV e CNT. Ainda é pastor da mega corporação evangélica Assembleia de Deus

Vitória em Cristo (a ADEV), que tem mais de 350 mil membros entre suas igrejas, congregações, além de ser dono de 116 empresas ligadas a temáticas cristãs - tais como à Editora Central Gospel Ltda e a Central Gospel Music (PY, 2020b).

Em termos da performance nas mensagens, Malafaia faz uso de esquemas performáticos típicos dos televangelistas norte-americanos, uma grande parte do público evangélico médio, e por vezes, dos mais os jovens. Aproxima-se de um perfil evangélico belicoso, dispendo-se em lutas, batalhas culturais e religiosas (LOWY, 2000) contra seus “adversários” – já teve Ricardo Boechat e o *youtuber* Felipe Neto, que agora o está processando. Malafaia tem notoriedade entre os evangélicos quando acumula disputas como fazia diariamente nas redes radiofônicas evangélicas, nos programas chamados de “debates” transmitidos na hora do almoço, que colocam as rádios evangélicas como as mais assistidas do país (PY, 2020b). Seu sucesso como pregador é evidente também nas vendas, quando, por anos, foi o pastor que mais vendeu palestras, vídeos e livros no Brasil. Agora, desde 2012, investe pesado nas redes sociais, as quais alimenta diariamente com *lives*, palestras e mensagens. É o pastor brasileiro com mais seguidores no twitter (1 milhão e 400 mil perfis - PY, 2020b).

Malafaia impõe-se como um evangelista do “cristofascismo brasileiro” (PY, 2020a; PY, 2020b) do governo de Bolsonaro, quando utiliza técnicas da apologética cristã para ampliar o autoritarismo no desrespeito às instituições democráticas, tais como o Parlamento e o Judiciário. E, ao se associar a grandes lideranças evangélicas, como Malafaia, Bolsonaro exerce uma forma de propaganda e de produção intelectual cristã, que têm em seus cernes um caráter fundamentalista e autoritário. Assim, diante do alastramento da pandemia, Malafaia gravou o vídeo “Concordo com Bolsonaro! O que é pior: Coronavírus ou caos social?” (MALAFAIA, 2020a), no dia 25 de março de 2020.

Na gravação, Malafaia indica a quarentena vertical, tal como Bolsonaro o faz, indo contra as sinalizações do Ministério da Saúde (MALAFAIA, 2020a). Fundamenta sua posição afirmando que na Itália, até o dia 17 de março, houve registro de milhares de mortes, mas “somente” havia falecido cinco homens abaixo dos 50 anos, os quais, segundo ele, tinham doenças anteriores. Teceu seu apoio à política eugenista de Bolsonaro, lembrando que a Itália “é o país na Europa com mais idosos, e o segundo maior do mundo” (MALAFAIA, 2020a).

Marca sua posição ao dizer (MALAFAIA, 2020a) que existem mais mortos no mundo por fome, por tuberculose, que de Coronavírus. Falando em tom de alarde do Brasil em que “90% da população ganha aí perto é.... quatro salários mínimos. Não tem dinheiro reserva, nem alimento estocado. Eu fico indignado com esses políticos!” (MALAFAIA, 2020a). Mostra com isso que, ao contrário de suas palavras, não está preocupado com a população pobre, mas, com os grandes

empresários, prioridades da gestão Bolsonaro que mantêm o patrimônio intacto. Deixa, com isso, a população pobre e trabalhadora à mercê dos empregos, nem que isso custe a morte supostamente dos mais velhos. Como apoiador de Bolsonaro, retira a responsabilidade do Executivo, vai contra os conselhos científicos e a OMS, ao frisar:

Estamos numa escolha de Sofia: o que é pior, Coronavírus ou caos social? Eu garanto que é caos social. Vai morrer gente, vai... lamentamos profundamente. Meu desejo é que ninguém morra, mas só um dado para vocês, a gripe influenza, no Brasil, em 2009, matou mais de 2 mil pessoas e mais de 58 mil ficaram infectados (...) a minha oração é que Deus guarde pessoas idosas, as pessoas que têm deficiência em seu organismo e que são vulneráveis a isso (MALAFAIA, 2020a).

Outro momento que deve ser destacado de apoio de Malafaia, e de seu segmento evangélico, foi quando desenvolveu uma leitura bíblica, no vídeo “Decida! Em tempo de Coronavírus, medo ou coragem?” (MALAFAIA, 2020b) do dia 17 de abril, quando retoma algumas reflexões que já vinha desenvolvendo entre março e abril. Abre o vídeo dizendo que “o medo tem o poder de inibir seu potencial, travar o presente, e estragar o futuro. A coragem, não é ausência de medo. O corajoso resiste ao medo, controla o medo” (MALAFAIA, 2020b). Nos dias da pandemia, “acirra a guerra religiosa” (LOWY, 2000) apelando à dicotomia “coragem”/“medo” quando a doença se alastra no país, fundamentando com o texto de Josué: “Deus vai dar um conselho para ele quando ele estava tremendamente apavorado (...) Deus dá uma palavra para ele, Josué capítulo 1, três vezes (...) Josué: Sê forte e corajoso (...) isto é, controle o medo, domine o medo, não fique desanimado” (MALAFAIA, 2020b). Em meio ao aumento do número de mortes, Malafaia (2020b) incita a peleja ao falar de coragem contra o medo, quase sugerindo que as pessoas enfrentam a epidemia e não deixem de trabalhar.

Na sequência diz “que a mente resolve acreditar no que repetidamente é informado. Então, se você só está alimentando sua mente com desgraça, com morte, com tudo que é ruim, a sua mente vai decidir ter medo” (MALAFAIA, 2020b). Força uma linha, sugerindo que o medo é uma questão de opção, quando a pessoa optar em assistir “coisas ruins”. Para isso, sinaliza “para você a colocar coisas boas diante dos seus olhos (...) Veja coisas boas, ouça coisas boas (...) Porque o sábio Salomão diz uma coisa interessante: se te mostrares frouxo no dia da angústia, a sua força será pequena” (MALAFAIA, 2020b). Diante da situação trágica que o país passa, indo contra a OMS e às descrições científicas, apelando para uma dose de autoajuda cristã, tecendo uma “guerra religiosa, cultural” (LOWY, 2000, p.14-17) diz que cada um deve fazer opção por coisas boas, pois assim não será “frouxo no dia da angústia” (MALAFAIA, 2020b). No mesmo rastro de Bolsonaro, assume seu discurso: “Coragem! Vem tempo melhores para você, para sua casa, para o Brasil! No nome de Jesus, um abraço a todos” (MALAFAIA, 2020b).

Esses vídeos e mais outros que grava diariamente de apoio ao governo, Malafaia carrega uma quantidade de seguidores, notificações e comentários, que, na sua maioria, são positivos, de apoio a ele e ao presidente. No entanto, é importante salientar que nem todos os evangélicos apoiam a política de saúde do governo bolsonarista. Uma reportagem do jornal Folha de São Paulo, publicada no dia 22 de maio de 2020, noticiou que 34 organizações do segmento evangélico no país assinaram o manifesto “O governante sem discernimento aumenta as opressões – Um clamor de fé pelo Brasil”, pedindo o afastamento do presidente e colocando-se favorável ao isolamento social como forma de combate à pandemia (PAULUZE, 2020). Contudo, entendemos que Malafaia é um ator social de influência significativa e que vem acirrando uma “guerra dos deuses” (LOWY, 2000) contra o humanismo, a ciência e os cientistas quando indica os problemas das livres pesquisas e do processo científico, tal como foi escrito no artigo “Silas Malafaia, 1 cavaleiro do apocalipse brasileiro” (PY, 2020b). Passamos agora, há como os fiéis recebem tais produções em disputas.

4 EVANGÉLICOS SE AJOELHAM PARA REZAR POR BOLSONARO E PELO BRASIL EM MEIO À PANDEMIA

No dia 31 de março de 2020, uma terça-feira aparentemente qualquer, o pastor da Roberto José dos Santos, da Assembleia de Deus em Abreu e Lima (PE), convocou os fiéis para rezarem de joelhos por Bolsonaro e pelo Brasil em plena crise sanitária provocada pelo Covid-19 (GUIAME, 2020). A data é bastante sugestiva na atual conjuntura política quando o Presidente tem ameaçado sem pudores a democracia-liberal ao participar de atos contra o STF, o Congresso e em defesa de uma intervenção militar dominicalmente, uma vez que a data remete aos 56 anos do início de uma operação militar que deu origem ao Golpe empresarial-militar de 1964.

Figura 1: Mulheres e homens rezando nas ruas de Abreu e Lima (PE)



Fonte: GUIAME, 2020

Um vídeo divulgado na internet (GUIAME, 2020) mostra a adesão de dezenas de pessoas ao chamado do pastor, defendendo que: “Todos os nossos irmãos estão em todas avenidas e ruas, em todas as cidades, orando pelo nosso presidente Jair Bolsonaro, pelas autoridades e pelo nosso Brasil” (GUIAME, 2020). Ele também expôs o objetivo da ação coletiva: “Vamos dobrar os joelhos e orar pela paz do nosso Brasil e pela saúde da nossa nação. Todos nós estamos juntos nessa guerra, que será vencida através da oração da Igreja do Senhor” (GUIAME, 2020). O pastor afirma que crianças, idosos e pessoas com comorbidades não participaram e os cristãos presentes mantiveram distância entre si, conforme as recomendações do Ministério da Saúde. Indicando um enfrentamento cultural (LOWY, 2000) nos dois vídeos publicados, dezenas de pessoas aparecem de joelhos com as mãos estendidas ao céu repetindo “aleluia, aleluia!” (GUIAME, 2020). O ângulo da tomada das imagens dá a impressão de ter bastante pessoas. A fotografia sobreposta acima foi publicada na página da internet aludida e também mostra pessoas rezando de joelhos de frente para os muros e de costas para a rua.

Cinco dias depois, em 05/04/2020, no Domingo de Páscoa, quando Bolsonaro convocou o dia do Jejum pelo Brasil e diversas organizações evangélicas participaram, um movimento semelhante ao ocorrido em Abreu e Lima aconteceu na cidade de São Paulo, mas dessa vez envolvendo centenas de fiéis (Redação a Hora News, 2020). A Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus realizou uma ação coletiva no bairro do Brás em São Paulo.

Figura 2: Concentração dos fiéis da Igreja Plenitude do Trono de Deus no bairro do Brás



Fonte: Redação a Hora News, 2020

Com vestimentas distintas que interpretam o passado bíblico, centenas de fiéis se reuniram e caminharam juntos no bairro do Brás. Em seguida, dispuseram-se enfileirados a uma distância de um metro entre cada cristão, dos dois lados da calçada da Avenida Celso Garcia e cantaram o Hino Nacional, antes de iniciar as orações. Um vídeo divulgado na internet (DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO, 2020) mostra dezenas de pessoas caracterizadas com figurino especial, em ambas as calçadas, de frente à avenida rezando de joelhos.

Essas cenas, ocorridas em um momento que as autoridades e lideranças políticas e religiosas já tinham consciência da gravidade da pandemia do Covid-19 e da facilidade com que o vírus é transmitido silenciosamente, sem que as pessoas tenham sintomas, podem suscitar, em muitas pessoas, reações preconceituosas e condenatórias da religião. Aqui, fizemos o seguinte questionamento, por que em um momento tão delicado, de calamidade na saúde pública, em pleno século XXI, as pessoas aderem às crenças religiosas com seus compromissos e não às crenças científicas propagandeadas por instituições científicas renomadas como o Imperial College de Londres, a Organização Mundial da Saúde (OMS) ou a nossa Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)?

Partimos do pressuposto de que as crenças científicas, embora sejam justificadas compartilham o mesmo estatuto das religiões, ambas são ideologias no sentido positivo de visão de mundo que Gramsci (1999) atribuiu a esse termo. Para isso, argumentamos que Tomas Kuhn (1997) considera o avanço científico ligado à sucessão de paradigmas, entendidos como “constelações de crenças, valores e técnicas” (KUHN, 1197, p. 215), entre outros significados. Negamos a

abordagem positivista, criada por Auguste Comte (1978), que também reconhece a força social das crenças para a moral e a ordem social, mas, ao contrário de nós, acredita na superioridade do espírito positivo diante das crenças teológicas, religiosas, fetichistas, porque o mesmo seria orientado pela realidade, pela utilidade, pela exatidão, pela aptidão orgânica e pela relatividade. Desse modo, entendemos as crenças em conformidade com as ciências cognitivas, como um estado mental funcional universal que motiva ações e atos de fala, como uma cognição que contém informações - não necessariamente explícitas ou proposicionais - que atuam na formação de ideais e ações (BARRETT; LANMAN, 2008). Em poucas palavras, não hierarquizamos ciência e religião, mas concebemos ambas como formas explicativas discrepantes do mundo natural e histórico que concorrem entre si, aproximam-se da política e do poder e geram efeitos sociais.

Para Gramsci, o senso comum "é grosseiramente misonista e conservador" (1999, p. 118), há uma presença substantiva da religião na modelação do senso comum, pois a religião é a "ideologia mais enraizada e difundida" (GRAMSCI, 1999, p. 173). Ao tratar a questão das crenças populares, esse autor destaca que elas são forças materiais que atuam poderosamente e a persuasão popular pode servir como força social para fins políticos (GRAMSCI, 1999). As crenças religiosas e do senso comum possuem solidez, regularidade, necessidade, racionalidade e imperatividade, produzem normas de conduta, modos de ver e de agir. Um intérprete ressalta que a revolução passiva - conceito que remete a um modo de transformação social e alguns estudiosos usaram para iluminar a história brasileira - também intervém no campo das crenças populares, modelando e neutralizando as aspirações mais utópicas (IMBORNE, 2017).

Nesse sentido, quando pensamos o Brasil contemporâneo, não podemos simplesmente apagar de nossa história os processos revolucionários de transformação social que foram abortados, como as reformas de base em 1964¹⁰⁹. No dizer de um crítico:

O maior drama do analfabetismo no Brasil é o de ter ele servido de adubo para a mídia eletrônica do entretenimento, com o conseqüente desenraizamento cultural da imprensa escrita. O brasileiro aprendeu a escutar rádio e a ver televisão; poucos sabem ou querem ler. Essa afirmativa desconcertante não recobre apenas a camada dos desprivilegiados, ela virou consenso nacional a partir da ditadura militar de 1964 (SANTIAGO, 2008, p. 65).

O mesmo, podemos afirmar, ocorreu com a explosão de organizações evangélicas no pós-1964¹¹⁰. O Movimento Brasileiro de Educação (MOBRAL), criado em 1970, prometia erradicar o analfabetismo do país em dez anos. "Quando, em novembro, de 1985, o Presidente José Sarney

¹⁰⁹Sobre as aspirações populares, no pré-1964, codificadas pelo pensamento político e sociológico ver Shiota (2018).

¹¹⁰Eventos em todo o mundo, desde o final da década de 1970, apontam para uma forte influência da religião no final do século XX (SHERKAT&ELLISON, 1999).

extinguiu o órgão, o número de analfabetos do País havia aumentado, em vez de diminuir” (MOURA, 1990, p. 56). O analfabetismo funcional serve de adubo não apenas para as religiões evangélicas, mas para todas as religiões e visões mágicas que o senso comum tece a respeito da realidade histórica e social. Ciência e religião concorrem, ambas oferecem explicações discrepantes para os mesmos fenômenos, elas podem ser usadas igualmente como explicações finais, causas primárias que respondem por todos os eventos. As duas competem pelo mesmo espaço explicativo e o conflito entre elas não desaparecerá tão cedo (PRESTON; EPLEY, 2009). O analfabetismo jamais servirá de adubo para a ciência.

Conforme Saxton (2006), muitas vezes, as crenças de pessoas religiosas, que possuem um compromisso institucional com alguma religião em particular, sobretudo, se houver fundamentalismo, desentendem-se da razão e da ciência, a ponto de não haver possibilidade de conversas significativas. Mas, essa oposição entre religião e ciência não as tornam alheias à política. Em vez disso, as crenças religiosas implicam questões morais, normativas e políticas, como ser favorável ou não ao aborto, ao casamento entre homossexuais, às pesquisas com células tronco, ao consumo de álcool e drogas. E, do ponto de vista dos efeitos políticos perigosos das crenças religiosas, Saxton nos lembra que "o evangelho cristão do amor, perdão e paz tem sido muitas vezes obscurecido por uma mistura de toxinas túrgidas com maior probabilidade de produzir mais necrose do que regeneração" (2006, p. 89). O mesmo argumento vale para a ciência se lembrarmos do nacional socialismo alemão e a crença científica na eugenia e na superioridade ariana validadas pelas teorias raciais do século XIX. Logo, ciência e religião se articulam com a política e com o poder.

As crenças religiosas, no entanto, têm vantagens sobre as crenças científicas na medida em que proporcionam bem-estar, exercem efeitos integradores e reguladores positivos do ponto de vista da ordem social para os que participam ativamente de uma organização religiosa com seus rituais coletivos, como mostra um estudo de revisão de literatura, de Sherkat e Ellison (1999), sobre crenças e compromissos religiosos. Ambos ponderam os efeitos da religião nas crenças e compromissos políticos, nas relações familiares, na promoção de saúde e bem-estar e na elevação do capital social dos praticantes. Retomam estudos que comprovam a eficácia de grupos religiosos de fomentar um senso de comunidade, valorização e cuidado dos indivíduos, que se sentem apoiados, amados e com a estima elevada. Ademais, resgatam pesquisas que demonstram os efeitos positivos substanciais do envolvimento religioso para a saúde mental, física, até mesmo em relação à prevenção do crime. Em um país como o Brasil, de profundas desigualdades, onde vastas parcelas da população estão desamparadas pela economia política e pelo Estado, as religiões acabam oferecendo um bem-estar para essas pessoas.

Além disso, as crenças religiosas com os seus compromissos institucionais implicam o pertencimento a um grupo, fomentam a preocupação moral com a defesa do grupo, o senso de proteção, cooperação entre grupos. O estudo de Preston, Ritter e Hernandez (2010) sugere que elas criam atitudes pró-sociais, ações de solidariedade, vontade de ajudar aos pertencentes do grupo, amigos, familiares, porém, não a estranhos e aqueles que são os seus outros, os que não se engajam na religião ou são irreligiosos. As crenças religiosas também podem atuar promovendo comportamentos antissociais. Nos EUA, o conflito cultural (LOWY, 2000) entre religião e ciência tem se manifestado numa crescente antipatia às escolas públicas por alguns protestantes conservadores que têm buscado opções educacionais alternativas, como a educação em casa ou escolas cristãs.

CONCLUSÃO

No decorrer deste artigo, foi possível compreender como se dá a articulação entre religião e política na proposição de uma política pública de saúde no combate ao Coronavírus. Esse cenário nos possibilita afirmar que o governo Bolsonaro se utiliza do apoio na religião e nas massas religiosas como estratégia de condução governamental, além de desvendar os interesses em jogo dessa política e das lideranças religiosas que apoiam o governo.

Analisamos que o vídeo de convocação para o Dia do Jejum no Domingo de Ramos foi um evento importante para demarcar as lideranças religiosas que endossam a gestão do presidente Jair Bolsonaro, sendo o pastor Silas Malafaia um dos atores centrais na promoção da guerra religiosa que é travada no e pelo atual governo.

Observamos, ainda, que o governo bolsonarista se alia a discursos do evangelicalismo em um momento de fragilidade de sua imagem diante de parte da população brasileira, que critica veementemente a posição recorrente do presidente de preservar o setor econômico em detrimento das vidas que estão ameaçadas pela pandemia do Coronavírus. Assim, acreditamos que essa aliança com as lideranças evangélicas vem a ser uma tática do jogo político do presidente de manter sua popularidade junto a um segmento expressivo da sociedade no país.

Enfim, muitas pessoas se engajam nas crenças e compromissos religiosos, sobretudo nas situações e circunstâncias cotidianas mais difíceis, porque a religião é uma forma de ver e explicar o mundo que está enraizada no senso comum e concorre com as explicações que a ciência oferece para os mesmos fenômenos. Como dizia Gramsci (1999), cada grupo tem o seu senso comum e na estratificação existente no senso comum, a religião prepondera, oferece a concepção de vida e a moral mais difusa. Assim como a religião, o senso comum é dinâmico, transforma-se

continuamente e ambos podem ser adubados pelo analfabetismo, ao contrário da ciência. A religião ainda tem a vantagem de promover o bem-estar físico e mental dos seus participantes. Olhando mais de perto para o contexto histórico de revoluções sociais abortadas e golpes de Estado contra as aspirações populares igualitárias e redistributivas, no qual se inserem as ações coletivas dos evangélicos ao se ajoelharem nas calçadas das avenidas para rezarem em defesa de Bolsonaro e do Brasil contra o Covid-19, ainda que colocando-se sob o risco da contaminação, tais ações parecem fazer algum sentido para esses fiéis que participam desses grupos e organizações religiosas e, de algum modo, se beneficiam delas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelicalismo e a crise brasileira**, Novos estudos Cebrap, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002019000100010. Acesso em: 30 maio 2020.

ALVES, Domingos *et al.* **Estimativa de Casos de COVID-19**. Disponível em: <https://ciis.fmrp.usp.br/covid19-subnotificacao/>. Acesso: 30 maio 2020.

BARRETT, J. L., & LANMAN, J. A. The science of religious beliefs. *Religion*, v. 38, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.religion.2008.01.007>. Acesso em: 25 mar. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito de história**. São Paulo: Cultrix, 1987 [1940].

BEVIR, M. **A lógica da história das ideias**. Gilson C. Cardoso de Sousa (Trad). Bauru: Edusc, 2008.

BOM DIA, RIO. **Estudo aponta pico da pandemia de coronavírus no mês de junho e recomenda lockdown no RJ**. G1 Rio de Janeiro, 25 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/estudo-aponta-pico-da-pandemia-de-coronavirus-no-mes-de-junho-e-recomenda-lockdown-no-rj.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2020.

BRASIL. Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020. **Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais**. Brasília: Planalto, 20 mar. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm. Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Institui o Código Civil**. Brasília: Planalto, 10 jan. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em: 2 jun. 2020.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PL 1.179/2020**. Brasília, 13 abr. 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=7A6FC3428F35064A47CFB76AEE301BC6.proposicoesWebExterno2?codteor=1880267&filename=PL+1179/2020. Acesso em: 2 jun. 2020.

CAMAROTTI, Gerson. **Em meio à pandemia de coronavírus, Bolsonaro diz que 'gripezinha' não vai derrubá-lo.** G1, Blog do Camarotti, Política, 20 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml>. Acesso em: 27 maio 2020.

COELHO, Henrique. Crivella mantém medidas de isolamento no Rio, mas garante abertura de templos. **G1 Rio de Janeiro**, p. 1, 25 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/crivella-mantem-medidas-de-isolamento-no-rio-devemos-esperar-mais.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2020.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva.** José Arthur Giannotti e Miguel Lemos (Trad.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 01-40 (Coleção os pensadores).

DIP, Andreia; MACIEL, Alice; CORREIA, Mariama; PINA, Rute; NASCIMENTO, Gilberto. O lobby dos evangélicos contra o fechamento das igrejas. **A pública**, São Paulo, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/o-lobby-dos-evangelicos-contra-o-fechamento-das-igrejas/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

DIARIO DO CENTRO DO MUNDO. VÍDEO. **Dezenas de evangélicos se ajoelham e rezam nas calçadas do Brás em São Paulo.** 06 abr. 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-evangelicos-se-ajoelham-e-rezam-nas-calçadas-do-bras-em-sao-paulo>. Acesso em: 2 jun. 2020.

ENGELS, Friedrich. **As guerras camponesas na Alemanha.** Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda., 1946.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Nota da frente parlamentar evangélica do congresso nacional em apoio à decretação de calamidade pública.** Facebook. 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica>. Acesso em: 15 maio 2020a.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **FPE pede união dos evangélicos contra o Coronavírus.** Facebook. 22 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica/videos/206794630646089>. Acesso em 15 maio 2020.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Igrejas são incluídas no decreto presidencial como serviços essenciais.** Facebook. 26 mar. 2020c. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica>. Acesso em: 15 maio 2020.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Restrição aos cultos até 30 de outubro é derrubada após articulação da Frente.** Facebook. 02 abr. 2020d. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica>. Acesso em: 15 maio 2020.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Senador Carlos Viana agradece apoio da Frente Parlamentar.** Facebook. 03 de abril de 2020e. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica/videos/221801688879602>. Acesso em 15 maio 2020.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. **Igrejas ficam fora das restrições previstas na proposta original do Projeto 1.179/2020**. Facebook. 08 abr. 2020e. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica>. Acesso em: 15 maio 2020.

GETSEMANI, Igreja Batista. **Clamor e jejum pelo Brasil**: 05 abril - convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q>. Acesso em: 06 maio 2020.

GOVERNO DO ESTADO (Piauí). **Diário Oficial. Decreto, nº 18.902, de 23 de março de 2020. Teresina**. Disponível em: <https://www.pi.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/IMG-20200323-WA0032.jpg>. Acesso em: 31 maio 2020.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, A. COUTINHO, Carlos Nelso; HENRIQUES, Luiz Sérgio; NOGUEIRA, Marco Aurelio. **Cadernos do Cárcere**: volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUIAME. **Evangélicos se ajoelham para orar pelo Brasil nas ruas de Pernambuco**. Disponível em: <https://www.guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/evangelicos-se-ajoelham-para-orar-pelo-brasil-nas-ruas-de-pernambuco.html>. Acesso: 29 maio 2020.

IGREJA BATISTA GETSÊMANI. Clamor e jejum pelo Brasil - 05 ABRIL - Convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro. You Tube, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q>. Acesso em: 06 maio 2020.

IMBORNONE, Jole Silvia. Utopia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (ORGs). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017.

JOHNSON, Allan G. Crença. In:_____. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução: Ruy Jungmann Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 105-106.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira (Trad.). 5. ed. São Paulo: Perspectiva S.A, 1997.

LISSARDY, Gerardo. Los evangélicos y el coronavirus: los grupos religiosos que resisten las restricciones contra el covid-19 en algunos países de América. **BBC News Mundo**, 11 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-52612458>. Acesso em: 15 maio 2020.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MACEDO, Edir. Palavra amiga do Bispo Macedo - 11 de março de 2020. **Youtube**, 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0> . Acesso em: 01 jun. 2020.

MALAFAIA, Silas. Concordo com Bolsonaro! O que é pior: coronavírus ou caos social?. **Youtube**, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IjX3MTNEZE0>. Acesso em: 20 maio 2020a.

MALAFÁIA, Silas. Importantíssimo! A questão do coronavírus e os evangélicos. **Youtube**, 15 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MHNvDsbN0P0>. Acesso em: 20 de maio de 2020b.

MOURA, Abdias. **O evangelho do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

NSC TV (SC). Governo de SC diz que pico da Covid-19 será em junho; estudiosos alertam para aumento na taxa de transmissão. **G1 Santa Catarina**, Santa Catarina, 11 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/05/11/governo-de-sc-diz-que-pico-da-covid-19-sera-em-junho-estudiosos-alertam-para-aumento-na-taxa-de-transmissao.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2020.

PAULUZE, Thaiza. Organizações evangélicas repudiam Bolsonaro e manifestam apoio à ciência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/organizacoes-evangelicas-repudiam-bolsonaro-e-manifestam-apoio-a-ciencia.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2020.

PY, Fábio. **Pandemia cristofascista**. São Paulo: Recriar, 2020a.

PY, Fábio. Silas Malafaia, 1 cavaleiro do apocalipse brasileiro. **Revista IHU**, maio 2020, Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/599429-silas-malafaia-1-cavaleiro-do-apocalipse-brasileiro-artigo-de-fabio-py>. Acesso em: 1 jun. 2020b.

PY, F.; REIS, M. V. F. Católicos e evangélicos na política brasileira. **Estudos de Religião**, v. 29, n. 2, 2015.

Presidente da Frente defende a reabertura das igrejas em entrevista. Facebook: **TV RIT**, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangolica/videos/1996009023868980>. Acesso em: 31 maio 2020.

PRESTON, J. L.; RITTER, R. S.; HERNANDEZ, J. I. Principles of religious prosociality: a review and reformulation. **Social and personality psychology compass**, v. 4, n. 8, p. 574-590, 2010.

PRESTON, J., & EPLEY, N. (2009). Science and God: An automatic opposition between ultimate explanations. **Journal of experimental social psychology**. v. 45, jan. 2009, pp. 238–241. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2008.07.013>. Acesso em: 10 maio 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **Ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

REDAÇÃO A HORA NEWS. **Centenas de evangélicos se ajoelham para orar em uma das principais avenidas de São Paulo**. Alagoas 05 abr. 2020. Disponível em: <http://www.ahoranews.com.br/centenas-de-evangelicos-se-ajoelham-para-orar-em-uma-das-principais-avenidas-de-sp>. Acesso em: 29 mai. 2020.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SANTIAGO, Valdomiro. **Sobre a oração em tempos de tribulação**. Youtube, 13 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fAfLa2FQMZU&t=906s>

SAXTON, A. (2006). *The End of Faith: Religion, Terror and the Future of Reason*. Science & Society. Disponível em: <https://doi.org/10.1521/siso.2006.70.4.572>. Acesso em 10 maio 2020.

SHERKAT, D. E., & ELLISON, C. G. (1999). Recent developments and current controversies in the sociology of religion. *Annual Review of Sociology*. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.25.1.363>. Acesso em: 10 maio 2020.

SHIOTA, Ricardo Ramos. **Brasil: terra da contrarrevolução**. Revolução brasileira e classes dominantes no pensamento político e sociológico. Curitiba: Appris, 2018.

STF reconhece competência concorrente de estados: Distrito Federal, municípios e União no combate à Covid-19. Brasília, 15 abr. 2020. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>. Acesso em: 1 jun. 2020.

Reported Cases and Deaths by Country, Territory, or Conveyance. [S. l.], 31 maio 2020. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em: 31 maio 2020.

WEBER, Max. **A ciência como vocação**. São Paulo: Cultrix, 1989.

AUTORES:

Fábio Py

Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF. Pós-doutor no Programa Recém-Doutor na mesma universidade/programa (PPGPS-UENF-FAPERJ: 2016-2017), pós-doutorando pelo PNPd-CAPEs no Programa de Pós-Graduação Políticas Sociais (PPGPS) na Universidade Estadual do Norte Fluminense (FAPERJ/UENF: 2017-2021). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ/CNPq: 2012-2016), com estágio sanduíche no Centre d'études Interdisciplinaires des Facts religieux (CEIFR) - centro misto do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) - École des Hautes em Sciences Sociales (EHESS/PSDE-CAPEs: 2014-2015).

Ricardo Shiota

Bolsista Capes de Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2016), Mestre em Ciências Sociais (2010), Bacharel (2007) e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Urbanas e Regionais (GEPUR/UENF).

Michelli Possmozer

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), desde março de 2019. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), graduada no curso de Comunicação Social, Jornalismo, pela Ufes e jornalista registrada no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).